

Bergsten acha acordo mexicano "animador"

"Inédito. Inaudito. Promissor. Animador". Foram essas as palavras utilizadas por Fred Bergsten, diretor do Institute for International Economics, para caracterizar o acordo fechado pelo México com os bancos internacionais e Fundo Monetário Internacional, durante entrevista concedida à imprensa brasileira, via transmissão da Embratel, cujo tema foi o livro **Retomada do Crescimento da América Latina (Toward Renewed Economic Growth in Latin America)**.

Segundo Bergsten, o México conseguiu fechar um acordo com cláusulas extremamente criativas, que poderão auxiliar no futuro outros países latino-americanos, como é o caso da concessão de mais recursos pelos bancos e pelo FMI caso o produto econômico desse país caia ou ocorra uma queda na cotação internacional do preço do petróleo. No primeiro acordo plurianual fechado pelo México, apenas o Fundo havia se comprometido com essas cláusulas de provisões compensatórias, mas agora os bancos também as aceitaram, e aí reside o inusitado do esquema, segundo o diretor do instituto norte-americano.

Ele informou ainda que a taxa de risco obtida por esse país foi de 0,8% ao ano e comentou que a obtenção de 12 bilhões de dólares era uma clara demonstração de que a América Latina poderia vir a conseguir mais recursos por parte dos bancos e instituições internacionais, daqui para frente. Dessa forma, observou, "o que propusemos no livro **Retomada de Crescimento Econômico da América Latina** se mostra absolutamente viável, na prática". Nesse livro, publicado pelo instituto dirigido por Bergsten e escrito por quatro economistas internacionais, entre eles Mário Henrique Simonsen, a proposta foi a de que a região recebesse por ano 20 bilhões de dólares, em vez dos 5 bilhões de dólares obtidos após a crise da dívida. Assim, se reduziria a transferência líquida de recursos para os países desenvolvidos.

Presente à entrevista, transmitida pela Embratel, Simonsen comentou, que se o Brasil chegasse a um entendimento com o FMI, aceitando ao menos alguma espécie de monitoramento, poderia obter muito bem taxas de risco menores do que a de 0,8%, por não estar solicitando aos bancos novos recursos. "Os bancos foram um pouco duros com o governo mexicano no que se refere ao **spread**, por terem que emprestar mais dinheiro", afirmou. Outra vantagem de um entendimento com o Fundo, segundo o ex-ministro da Fazenda, é que o Brasil voltaria a ter acesso ao mercado financeiro internacional. Bergsten, ao contrário de Simonsen, não frisou a necessidade de o país entrar em entendimento com o FMI. Muito bem informado a respeito do Plano Cruzado, tendo chegado a mencionar os gargalos e o mercado negro de produtos, o ex-subsecretário do Tesouro dos EUA defendeu, no entanto, o descongelamento de preços, o mais rápido possível, porque, na sua opinião, a economia brasileira só se normalizará quando voltar a respeitar as regras de mercado.